

arquivo



administração

**PUBLICAÇÃO OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS**

**V. 9, N. 2, jul./dez. 2010**



Fas. 75706 Clas. PER  
Arquivo & Administração  
v.9 n.2  
jul./dez. 2010 ex.2

## O que é a AAB

A Associação dos Arquivistas Brasileiros – AAB, fundada em 20 de outubro de 1971, com a finalidade de dignificar socialmente a profissão é uma sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, considerada de utilidade pública no Estado do Rio de Janeiro, de acordo com o Decreto nº 1200, de 13 de abril de 1977. Promove o Congresso Brasileiro de Arquivologia e edita a Revista Arquivo & Administração desde 1972, além de promover o Encontro de Bases de Dados sobre Informações Arquivísticas, desde 2005.

É membro integrante do Conselho Nacional de Arquivos – CONARQ, do Conselho Internacional de Arquivos – CIA e da Associação Latino Americana de Arquivos – ALA.

## Principais Objetivos

- Cooperar com organizações nacionais e internacionais, públicas e privadas, em tudo que se relacione com arquivos;
- Promover, por todos os meios, a valorização, o aperfeiçoamento e a difusão do trabalho de arquivo, organizando ciclos de estudos, conferências, cursos, seminários, congressos, mesas-redondas;
- Estabelecer e manter intercâmbio com associações congêneres;
- Prestar consultoria, assistência e serviços técnicos.

## Serviços que a AAB oferece

- Consultoria;
- Assistência técnica;
- Indicação de profissionais e estagiários;
- Organização de congressos, seminários, cursos e palestras;
- Cursos in company específicos para atender às necessidades das empresas.

## Quadro Associativo

Podem ser admitidos como Sócios da AAB, sem qualquer discriminação, as pessoas que exercem atividades arquivísticas, as que se interessem pelos objetivos da Associação, além das empresas públicas e privadas.



**Associação dos  
Arquivistas  
Brasileiros**

aab@aab.org.br  
Av. Presidente Vargas, 1733 - sala 903  
CEP: 20.210-030 - Centro - Rio de Janeiro  
Tel/Fax: 55 (21) 2507-2239 / 3852-2541

# arquivo & administração

v. 9, n. 2

jul./dez. 2010

## SUMÁRIO

EDITORIAL	3	<i>Lucia Maria Velloso de Oliveira</i>
ARTIGOS	5	Os arquivos na sociedade contemporânea <i>Bruno Delmas</i>
	15	Conhecimento e educação para a sociedade dos arquivos <i>Tom Nesmith</i>
	31	Reflexões e mudanças no mundo dos arquivos (Resenha de <i>Currents of archival thinking</i> ) <i>Heloisa Liberalli Belloto</i>
	55	Arquivos públicos brasileiros: estudo dos processos de transferência da informação na internet e sua evolução <i>Anna Carla Mariz</i>

Arq. & Adm.

Rio de Janeiro

v. 9

n. 2

p. 1- 72

jul./dez. 2010

Copyright © 2004 by Associação dos Arquivistas Brasileiros

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora.

Coordenação: Lucia Maria Velloso de Oliveira

Editoração eletrônica: Gustavo Monteiro

Catálogo na publicação (CIP)

Arquivo & Administração / Associação dos Arquivistas Brasileiros. Ano 1, n. 0 (1972) -

Rio de Janeiro: AAB, 1972 -

v. : 23 cm.

Semestral

Publicação oficial da Associação dos Arquivistas Brasileiros.

ISSN 0100-2244

1. Arquivo – Periódico. 2. Gestão de documentos – Periódico. I. Associação dos Arquivistas Brasileiros.

CDD 025.171

Associação dos Arquivistas Brasileiros

Membros da Diretoria e do Conselho Editorial

Diretoria

Presidente: Lucia Maria Velloso de Oliveira  
Secretário: Isabel Cristina Borges de Oliveira  
Tesoureiro: Maria Celina Soares de Mello e Silva

Conselho Editorial

José Maria Jardim  
Lucia Maria Velloso de Oliveira  
Maria Celina Soares de Mello e Silva  
Paulo Roberto Elian dos Santos  
Sérgio Conde de Albite Silva

## EDITORIAL

O segundo número da Revista *Arquivo & Administração* apresenta ao seu leitor discussões recentes e que contribuem para literatura da área.

Seguindo nossa linha editorial de tradução de textos estrangeiros visando facilitar o acesso às discussões internacionais, neste número resgatamos duas conferências instigantes apresentadas no XV Congresso Brasileiro de Arquivologia, realizado na cidade de Santos (São Paulo) no período de 24 a 27 de agosto de 2010.

O professor da *École National des Chartes* (França), Bruno Delmas, abriu o Congresso com a conferência **Os arquivos na sociedade contemporânea**. O texto traduzido por Maria Celina Soares de Mello e Silva, arquivista do Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST/MCT, trata da sociedade globalizada, do papel dos arquivos frente a nova realidade virtual, e cita os desafios mundiais dos arquivos, que estão no contexto da segurança, na confiabilidade dos dados, na conservação do material, no acesso e no respeito à vida privada. A outra conferência de autoria do professor da University of Manitoba (Canadá), Tom Nesmith, e traduzida pela arquivista da Fundação Casa de Rui Barbosa, Lucia Maria Velloso de Oliveira com o título **Conhecimento e educação para a sociedade dos arquivos**, propõe a criação de uma sociedade dos arquivos, na qual estes possuem um lugar central. Nessa sociedade, os arquivistas devem articular-se mais com os usuários de forma a produzir uma maior compreensão dos arquivos e criar novas possibilidades de uso dos documentos arquivísticos. Essa nova realidade influencia a formação do profissional e propõe que o arquivo se torne um lugar de produção do conhecimento, e não apenas se limite ao fornecimento de informações.

O terceiro artigo da Revista *Arquivo & Administração* é a resenha produzida pela professora da Universidade de São Paulo, Heloisa Liberalli Bellotto, sobre o livro organizado pelos professores Terry Eastwood (University British Columbia) e Heather MacNeil (University of Toronto), *Currents of Archival Thinking*, publicado em 2010.

Este número se encerra com artigo da professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Anna Carla Mariz, **Arquivos Públicos Brasileiros: Estudo dos processos de transferência da informação na internet e sua evolução**, que apresenta resultados de pesquisa realizada em 2004 e em 2009, bem como a análise comparativa do quadro nos dois períodos.

Lucia Maria Velloso de Oliveira  
presidente da Associação dos Arquivistas Brasileiros

## OS ARQUIVOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA<sup>1</sup>

*Bruno Delmas*

*Professor da École des Chartes, França*

Gostaria de começar agradecendo a Sra. Lucia Maria Velloso de Oliveira, coordenadora do Comitê Científico do Congresso e dizer como me sinto honrado de ter sido convidado a me expressar diante dos senhores, e como estou feliz de voltar ao Brasil pela terceira vez e a segunda vez para participar de seu congresso.

Os senhores me convidaram para falar dos arquivos na nossa sociedade atual, não na sociedade brasileira ou na sociedade francesa, mas na nossa sociedade global, quer dizer, as sociedades consideradas como uma só entidade, que resulta da globalização. Precisaremos sempre de arquivos e de arquivistas no futuro? Em um mundo onde tudo é novo e constantemente renovado, o que pode proporcionar a conservação das testemunhas do passado? E quando realmente precisarmos dos arquivos, o que os arquivistas poderão fazer? Os documentos digitalizados de hoje são frágeis e instáveis, sua massa é incontável. Como exercer a tarefa de coleta, conservação, classificação e comunicação? Um universitário americano, Francis Fukuyama, publicou, em junho de 1989, um célebre artigo sobre “O fim da história?”. Poderíamos também escrever um artigo sobre “O fim dos arquivos”? Estamos caminhando para uma sociedade sem memória? Em face dessa questão essencial, perguntemo-nos o que nos ensina a história sobre o papel dos documentos, analisemos a natureza das proposições atuais dos arquivos, experimentemos perceber o lugar dos documentos naquilo que se desenha aos nossos olhos.

### 1 O ensino da história

Em sua longa duração, a história nos mostra que, no lento processo de hominização, sucederam-se etapas nas quais a memorização desempenhou um crescente

---

<sup>1</sup> Este artigo foi apresentado pela primeira vez no XVI Congresso Brasileiro de Arquivologia, em Santos, SP, Brasil, no dia 24 de agosto de 2010. Tradução de Maria Celina Soares de Mello e Silva.

papel, apoiadas de início sobre a memória oral, depois escrita, e a seguir reforçadas pela organização da conservação dos arquivos.

Por nos limitarmos à história da civilização ocidental, nos séculos III e IV, quando os povos bárbaros, que não utilizavam a escrita, invadiram progressivamente o Império Romano do Ocidente, fizeram-no explodir e o dividiram, desapareceu seu sistema administrativo, que era o seu sistema nervoso e, com ele, desapareceu o uso da escrita que era a influência, desapareceram também os arquivos que eram a sua memória. Quase não nos resta nada daquilo. Os arquivos morrem com as civilizações.

Depois de séculos de instabilidade, de lutas internas, invasões e pilhagens (os hunos no século V, os árabes nos séculos VII e VIII e os normandos nos séculos IX ao XI) e o esmigalhamento do poder, a paz voltou pouco a pouco, sob a influência da Igreja e, com ela, a estabilidade. A atividade, o comércio e a demografia recuperaram. O uso da escrita, que fora consideravelmente reduzido, desenvolve-se novamente, o costume retorna em proveito do direito escrito. A feudalidade também regressa. Constituem-se princípios, pequenos Estados onde a escrita reencontra seu papel e onde reaparece a conservação dos arquivos (Catalunha no século X). O impulso comercial se desenvolve com grandes centros como Veneza e Gênova, as feiras de Champagne (séculos XII e XIII), as cidades da Hansa (séculos XIII e XV), por exemplo. As instituições se formavam em todos os lugares, baseadas no uso da escrita, na constituição e conservação dos arquivos (administração, justiça, finanças). Essa necessidade de arquivos (atas e títulos jurídicos, documentos de gestão), ou seja, documentos que devemos conservar inalterados ao longo do tempo, alcança também a sociedade inteira e se impõe aos particulares. Necessidade a qual corresponde a instituição do notariado (século XIII).

Na Renascença, o comércio marítimo se desenvolve ainda, levado pelo impulso da navegação e das grandes descobertas, notadamente as portuguesas. As trocas, dali em diante mundiais, tomam uma nova amplitude. Essas precisam mais que nunca da escrita (correspondência, letras de câmbio, contabilidade). Os estados modernos, com sua política de reagrupamento, se impõem pela guerra e pela administração dos principados, assim como aos territórios descobertos (Arquivos das Índias ou Sevilha). O financiamento da guerra impõe o desenvolvimento do imposto e dos recenseamentos que o acompanham. A imprensa permite um acesso mais fácil e uma difusão maior dos conhecimentos, que permitiram as grandes descobertas. Podemos ver na Biblioteca

colombina de Sevilha, as obras de astronomia e de geografia anotadas por Cristóvão Colombo. As grandes viagens de exploração vão prosseguir até o século XIX.

As ciências conhecem uma revolução no século XVII trazida pela criação das academias e das sociedades do conhecimento que são, com os gabinetes de curiosidades, os primeiros laboratórios de pesquisa. As publicações das memórias, os concursos, as correspondências ampliam ainda o papel da escrita. Dessa forma, em meados do século XVIII, na França, por exemplo, são recenseados 5.700 depósitos de arquivos. Esses arquivos são, em geral, bem conservados, classificados e inventariados. A profissão de arquivista começa a se distinguir da dos notários, dos escrivãos e dos guardadores de notas. Manuais práticos são publicados um pouco por toda a Europa. Os arquivos vêem sua utilidade aumentar. Ao lado da prova ou da gestão administrativa, desenvolve-se a história erudita - a história das províncias, das vilas, das ordens religiosas, dos países.

A era industrial amplia essa evolução: o fortalecimento dos Estados europeus e de seus impérios, a descoberta e a descrição científica do mundo, o desencravamento dos povos e exploração dos recursos. A unificação econômica e cultural, mais ou menos impulsionada por um modelo dos países ocidentais, é transportada pelo desenvolvimento da instrução pública, do caminho de ferro, das linhas marítimas, depois aérea (Aéropostale), do telégrafo, do rádio, do telefone e da televisão.

A massa de arquivos e sua diversificação não para de crescer de modo considerável com a consolidação dos Estados, o desenvolvimento da economia, da instrução e da história. A resposta, em matéria de arquivo, é dada com a formação de grandes arquivos nacionais e o aparecimento, no século XIX, da formação dos arquivistas. Chegamos a um estágio de conhecimento do universo, que nenhuma outra civilização conheceu no passado.

Aparecem princípios e métodos modernos, adaptados à forma de fundos de arquivos produzidos pela sociedade científica e industrial: noção de fundo, princípio de respeito aos fundos e métodos de classificação, critérios de seleção, métodos de inventários e regras de comunicação. Ao final dessa lenta evolução, os arquivos privilegiam no século XIX o serviço da história, notadamente nacional, em detrimento dos outros usos que, entretanto, também crescem.

O que nos ensina esse rápido sobrevôo? Os arquivos atuais são associados ao impulso do mundo moderno, o que não é nada surpreendente; quanto mais uma sociedade se torna complexa, mais ela precisa de arquivos; os arquivos são modernos. No

entanto, tudo parece se desregular hoje principalmente sob o efeito da desmaterialização. No final do século XX, essa evolução, da acabamos de evocar os sucessivos patamares, aborda uma nova etapa que se manifesta nas expressões “sociedade da informação”, “sociedade do conhecimento”, e “sociedade cibernética”.

## 2 A unificação do mundo e o desafio da intensificação das trocas e do pensamento

A civilização industrial e científica subverte há dois séculos as produções materiais, a organização e o funcionamento das sociedades, a vida dos homens e aumenta os usos que fazemos dos arquivos. Do ponto de vista econômico, a globalização se manifesta pelo impulso à produção industrial e pelas trocas para um mercado planetário que estimula o crescimento demográfico dos continentes. A concepção e a fabricação de produtos industriais estão baseadas em pesquisas e simulações. O comércio mundial necessita da harmonização de normas de produção e de controle, e do rastreamento geral dos produtos e serviços. Todas essas atividades são acompanhadas pela produção crescente de uma enorme massa de arquivos que está sendo preparada para funções renovadas.

A globalização tem consequências, hoje bem estudadas, sobre a natureza, os homens e as sociedades. Ela se caracteriza por uma superexploração dos recursos naturais: petróleo, florestas, oceanos, água, ar, que conduz a um esgotamento previsível de alguns, entre os quais as mudanças climáticas mais ou menos bem medidas hoje. As consequências sobre a terra provocam reações ecológicas, que conhecemos. Nós nos encaminhamos para a gestão da raridade, até mesmo da penúria. Os arquivos da natureza (plantas, insetos, animais) não são apenas objetos de estudos científicos por eles mesmos. Como para o clima, eles se tornam indispensáveis para o estudo científico e, no seu contexto, para as evoluções da biosfera e a preservação das espécies. Na segunda metade do século XX, o sistema técnico que permitiu o desenvolvimento de trocas já não responde pelas necessidades.

Um novo sistema técnico tomou lugar com a criação de computadores e suas interconexões (1960), o aumento contínuo do tamanho de suas memórias, o poder e a rapidez do tratamento dos dados, sua banalização. Em 1969, foi criado o Arpanet, embrião da internet. Em 1962, o lançamento do satélite de comunicação Telstar 1

expandiu a noosfera<sup>2</sup> até a órbita inferior de satelização e, em 1966, ano do primeiro satélite geostacionário até a órbita superior. Em 1989 nasceu a web. Assim, a convergência de todas as tecnologias à escala do planeta fornece uma infraestrutura real e visível à noosfera<sup>3</sup>. No decorrer dos anos 1990-1995, o acesso à internet se estendeu, oferecendo um maior número de acessos imediatos a uma grande quantidade de informações. A massa de informações acessíveis através do mundo cresceu a uma velocidade prodigiosa, e o mesmo ocorreu com o número de pessoas que se conectam à internet. Nasceram os modos de funcionamento e de serviços novos: Google em 1998; projetos colaborativos: primeiro *wiki* em 1995 e lançamento do *wikipedia* em 2001; sites institucionais e individuais; programas livres: *Open Office*; redes sociais e blogs: *Facebook* etc.<sup>4</sup>

Uma forma de pensamento mundial toma lugar. Desse modo, a massa de arquivos produzidos explode e coloca novos problemas de coleta por captação de *site*, de conservação e exploração, seja pela ação pública com a extensão do depósito legal, seja pela iniciativa privada. Daí em diante, a sociedade cibernética existe, a prioridade não é mais o desenvolvimento de ferramentas da comunicação, questão globalmente regulada desde a realização da convergência tecnológica, mas a do conteúdo, quer dizer, a gestão racional da memória e, portanto, do acesso e da conservação dos arquivos nesse mundo global.

## 3 Os arquivos no centro da sociedade do conhecimento?

Tudo muda ao mesmo tempo, todas as referências tradicionais desaparecem e, ao mesmo tempo, é preciso se adaptar às novas regras que se buscam e nem sempre estão bem estabilizadas. Sabemos quanto somos poucos preparados para viver individual e coletivamente essa mutação, esta forma de caos e anarquia que acompanha todas as mudanças maiores. Precisamos do passado para continuar a gerir o mundo, nossos Estados, os negócios e nossos bens da vida cotidiana que subsistem seja como for. Ao

<sup>2</sup> Esse neologismo, criado por um pensador russo Vladimir Vernadski em 1926, foi desenvolvido pelo jesuíta francês Teilhard de Chardin. Do mesmo modo que a biosfera designa o conjunto do mundo vivo sobre a terra como um sistema único, a noosfera designa o conjunto dos meios materiais e das atividades imateriais e intelectuais dos homens sobre a terra como um sistema único.

<sup>3</sup> Ver as obras de Alvin Toffler, *Le choc du futur*, Paris, 1970 e *La Troisième vague*, Paris, 1980; de Joel de Rosnay, *Le macroscopie, vers une vision globale*, Paris, 1975.

<sup>4</sup> Dessa forma emerge um quinto poder, ao alcance da sociedade civil que certos Estados tendem a controlar. Thierry Crouzet, *Le peuple des connecteurs*, Paris, Bourin-éditeur, 2006, e Thierry Crouzet, *Le cinquième pouvoir*, Paris, Bourin-éditeurs, 2007.

mesmo tempo, somos confrontados com uma renovação rápida das regras e práticas às quais devemos nos habituar e que necessitam de regulamento, conforme o lema do Brasil: conciliar a ordem e o progresso. Os arquivos afirmam-se como necessários a essa ordem e a esse progresso.

A profissão de arquivista deve se adaptar a esse novo contexto que não é somente tecnológico, mas que diz respeito às maneiras de resolver as quatro grandes funções fundamentais dos arquivos: provar, lembrar, identificar e conhecer, renovadas e readaptadas para a transformação do nosso mundo.

**A primeira transformação é a de provar direitos.** O direito, que regula as relações entre os homens, se torna complexo no ritmo da globalização, desenvolvendo as causas e as consequências de litígio, a tal ponto que falamos de judicialização da sociedade. O desenvolvimento da democracia, com seus poderes e contra-poderes, suas instituições múltiplas e sua acumulação, a vida nas empresas com o direito do trabalho, o direito social, o direito do comércio e da concorrência, o ambiente tecnológico em movimento perpétuo de renovação, são difíceis de seguir. Uma outra consequência ligada à primeira é a complexidade de todo ato, de toda vida, de toda família, e de toda sociedade. Paradoxalmente, é o indivíduo que se torna o menor denominador comum de uma sociedade que se globaliza. É ao mesmo tempo mais livre que nunca, liberto do peso da família e de sua comunidade natural, tem acesso a tudo, pode conhecer tudo e tudo contestar e, ao mesmo tempo, está sozinho, é o mais fraco e o mais ameaçado. É uma presa para todos os rumores e solicitações, pois nada o preparou para dominar a complexidade desse novo estado do mundo. O desenvolvimento dos direitos dos homens e da legislação não é uma maneira, mas a resposta à crescente fragilidade do indivíduo, face aos Estados ou às empresas confrontadas com as mesmas dificuldades, mas com práticas contestadas. A judicialização da sociedade é a resposta a esta complexidade. A importância jurídica dos arquivos em sua função de prova não vai parar de crescer.

**Lembrar-se assume uma importância crescente,** não apenas porque o número de ações de longa duração aumenta, mas porque os efeitos que seguem essas ações também duram muito tempo. Citamos como único exemplo as centrais nucleares das quais é preciso se ocupar infinitamente por longo prazo depois de seu fechamento, que durante o funcionamento. Tudo se encomprida e nossos atos e suas consequências nos perseguem

por mais tempo que antes. A memória fixada e precisa dos arquivos é indispensável para assegurar essa continuidade, doravante vital para o homem e, para retomar o mesmo exemplo, sabemos o cuidado que se toma para assegurar a conservação e a permanência do acesso aos arquivos das centrais nucleares. A escrita é uma ferramenta formidável para dominar o tempo, porém torna os homens dependentes dela e dos arquivos.

**A necessidade de identificação.** Essas mudanças que se ampliam há muitas gerações, com frequência foram extremamente difíceis para os indivíduos desenraizados. O fenômeno não está acabado<sup>5</sup>. O fim do isolamento dos povos e das regiões do mundo está em plena realização. As sociedades rurais, onde cada um dispõe de um lugar reconhecido, de uma família estável, eram sociedades de dimensão humana, por vezes congeladas, num espaço limitado em que o indivíduo era identificado. Esse mundo rural milenar, em via de desaparecimento e já desaparecido em algumas regiões, merece ser conhecido por si mesmo, como para compreensão pelos sociólogos das cidades de hoje. A população mundial triplicou em 50 anos, cidades gigantescas foram criadas, os modos e ritmos de vida foram transformados. As referências do território e da família se atenuam na instabilidade das famílias e na promiscuidade das vidas. A genealogia conhece uma admiração excessiva extraordinária, particularmente entre os jovens: na França, 25% dos jovens de 17 a 25 anos fizeram sua genealogia. Ao contrário, vemos nas cidades e nos bairros sem passado e de cultura oral, a constituição de comunidades que se enraízam nas gírias, nos códigos das vestimentas, nos comportamentos e territórios de bandos violentos à margem do seu país. Os arquivos desempenham um papel essencial de identificação e de coesão social.

**Resposta à necessidade de conhecimento.** Enfim, os arquivos são fontes imensas de pesquisa e de conhecimento. Por muito tempo limitados à pesquisa histórica, os arquivos, com o desenvolvimento do cálculo intensivo e da modelização dos supercomputadores, oferecem perspectivas infinitas para as novas pesquisas científicas. A sociedade global oferece àqueles que se adaptam a esse ambiente, possibilidades infinitas de acesso à instrução, à informação para as mídias, à vida política e social à escala mundial. Todos os arquivos do mundo dizem respeito ou interessam a cada um de nós.

<sup>5</sup> Ver as obras de Alvin Toffler e Jöel de Rosnay, o macroscópio.

#### 4 Os três desafios dos arquivos

Os três desafios dos arquivos estão no contexto da segurança e na confiabilidade dos dados, na conservação material, no acesso e no respeito à vida privada. O desafio é mundial, as respostas serão diferentes em cada país.

**O desafio da segurança e da confiabilidade dos arquivos.** Hoje, a questão mais crucial é a da identificação e da confiabilidade dos dados. Ela diz respeito, em primeiro lugar, aos arquivistas. A questão não se colocava quanto aos arquivos num meio de papel, onde os documentos e sua conservação pelos arquivos era uma dupla garantia de autenticidade. A questão se coloca no caso de documentos digitalizados. Ela é objeto do programa interPARES criado por Luciana Duranti.

Os arquivos são um desafio de memória global e a responsabilidade dos Estados não se limita somente aos arquivos públicos, mas se refere também aos arquivos privados de um mesmo país. Mas quem poderia assumir a responsabilidade de fixar as regras? Se isso não ocorre em cada região do Estado, ou em uma organização administrativa independente, espécie de corte suprema, ou uma organização profissional. Os arquivos de um país, de uma empresa, especialmente multinacionais, não se referem mais somente aos empregados, às pessoas do país onde ela tem sua sede, mas referem-se a todos os habitantes do planeta terra e de todas as regiões do mundo. Do mesmo modo, à escala internacional, o desafio coletivo é tal, que uma organização internacional particular, como existe para o trabalho (OIT) e para a saúde (OMS) parece indispensável hoje.

**O desafio da conservação material.** Num mundo onde a noosfera parece tomar corpo com a sociedade cibernética, a conservação dos arquivos se coloca em termos de conservação preventiva. As questões de conservação preventiva se tornaram hoje, com o documento digital, um desafio crucial não somente em razão da variedade extrema de suportes e de sua não menos rápida recolocação por outros, como em razão de sua instabilidade e de sua quantidade. O caso dos arquivos digitais é certamente aquele em que a conservação preventiva, desde a criação dos documentos, é a mais necessária, e onde a reflexão de especialistas é, por necessidade, a mais avançada.

A questão da seleção também se coloca. Produzimos muito mais documentos, especialmente digitais, sempre mais diversificados e mais frágeis, mas as evoluções das funções, que acabamos de lembrar, exigem que as conservemos sempre mais e por mais tempo. Mas conservar tudo é não conservar nada, pois quem estaria em condições de

fornecer o acesso? A seleção, então, não é mais feita entre aquilo que é importante e aquilo que não é, em relação a quem, mas entre aquilo que é redundante e o que não é. Por exemplo, a amostragem praticada com frequência nos arquivos, que consiste na escolha de alguns dossiês de modo aleatório, para guardar o traço de uma ação administrativa, cujos dossiês por demais numerosos, é cientificamente criticável, e ressalta uma simples prática de economia. Em compensação, a enorme tagarelice na *internet* com os *blogs*, por exemplo, pode suportar uma amostragem estatística.

**O desafio do acesso e do respeito às liberdades.** O *Google* é uma ferramenta extraordinária, que dá acesso a uma massa inaudita de documentos, mas é ao mesmo tempo muito pobre de coisas. O papel dos arquivos permanece essencial. As condições de acesso com a globalização colocam novos problemas. É para respondê-los que, do ponto de vista técnico, adotamos as normas de descrição ISAD-G e ISAAR, que são a ilustração bem sucedida desta evolução no sentido da unificação. Quanto às condições jurídicas, falar-se-á a propósito em dois dias, entre o direito democrático de acesso e o direito ao respeito à vida privada. O exemplo da *internet* mostra como as regras que se aplicam sem problema em um dado ambiente institucional com o suporte papel, aplicadas exatamente assim, poderiam ameaçar a vida privada e as liberdades individuais. As legislações de acesso, ainda na lógica da liberalização destes (*Facebook*, *Twitter* etc.) não parecem ter tomado ainda todas as medidas de revolução introduzidas pelo novo sistema técnico e de suas incidências sobre a vida privada, cujos inesperados efeitos perversos nós percebemos todos os dias. Nós também descobrimos a fragilidade de todas as garantias (*Weakileaks*) que nos são dadas sobre a segurança e a confidencialidade dos dados, especialmente os pessoais, ainda que tudo nos convide a nos entregarmos cada vez mais a sistemas informáticos de dados pessoais que nos dizem respeito. O que pensar do dossiê médico eletrônico na França, formidável ferramenta que acompanha nossa saúde, gerada pelas sociedades privadas de companhias de seguro, que poderiam assim ter acesso a nossos dados médicos? Ainda que tenhamos confiança nesses sistemas, que controle teremos sobre a conservação ou a destruição dos arquivos que nos dizem respeito e cuja decisão nos escapa? Em compensação, no do Brasil, país imenso, esses sistemas são uma ferramenta da democracia, utilizados para o voto dos cidadãos.

É por isso que os arquivistas hoje são a um tempo parte interessada desta globalização e são confinados à criação de massas prodigiosas de documentos digitais. É

por isso que eu lhes proponho ter em mente a nossa participação na noosfera.

Com a *internet* e o documento digital, poderíamos pensar que o fosso entre a escrita e a oralidade está abolido. Ambas utilizam os mesmos suportes de comunicação, mas os códigos e os usos tanto da linguagem escrita como da oral subsistem. O que se ressalta no mundo da oral, mensagens pessoais, *Facebook*, *Twitter*, *SMS* etc., coabitam aqui com a escrita tradicional que se refere ao que precisa ser fixado. Mas esta abordagem não deve esclarecer nossa escolha de seleção?

Para nos adaptarmos, é preciso ter a medida exata do momento e da época em que vivemos. Hoje, com o acesso de todos, por toda parte, a todo o momento, à escrita, à imagem e ao som, cada vez mais abundante e diverso, muda radicalmente a maneira que o homem vive e se vê no mundo. Uma unificação intelectual da espécie se delinea. Um mundo uniforme não vai se criar?

A noosfera não é somente uma camada superficial acima das particularidades de cada povo? Cabe precisamente aos arquivos guardar, difundir e valorizar as provas e os traços das culturas, das histórias e das línguas de cada povo. Eles são elemento essencial da conservação e da transmissão da diversidade cultural que é uma das condições de desenvolvimento pacífico do mundo.

Nós todos temos consciência da amplitude das mudanças da sociedade contemporânea, mas em qual nível está sua importância na história dos homens? Em geral, comparamos o que vivemos com a invenção da imprensa. Ela introduziu uma mudança de escala, quantitativa da escrita em relação à oral e seus efeitos foram lentos: a reforma no século XVI, a revolução científica no século XVII, o iluminismo no século XVIII, o positivismo no século XIX. Mas são realmente comparáveis? O que nós vivemos hoje não é de outra amplitude? Trata-se de uma mudança de natureza. As tecnologias da informação e da comunicação atuais, o advento da sociedade do conhecimento, a remodelagem do mundo que se opera, o lugar do homem no mundo não são, depois da invenção da palavra, depois da escrita, a terceira etapa da hominização numa terra dominada pela noosfera?

Agradeço a vossa atenção.

## CONHECIMENTO E EDUCAÇÃO PARA A SOCIEDADE DOS ARQUIVOS<sup>1</sup>

Tom Nesmith

Archival Studies Program - Department of History  
University of Manitoba - Winnipeg, Manitoba, Canada

Nosso tempo é um tempo de progresso e oportunidades extraordinárias para o arquivo, assim como de desafios importantes que podem enfraquecer seus ganhos e perspectivas. A forma como os arquivistas respondem aos desafios irá definir a habilidade dos arquivos em serem relevantes para as necessidades humanas. Nos últimos trinta anos, arquivistas em todo o mundo obtiveram grandes avanços. Eles têm uma compreensão mais sofisticada da teoria arquivística e das abordagens de seus trabalhos por meio da "macroavaliação", dos padrões de descrição, da pesquisa em gestão e arquivamento de arquivos digitais, e da formação universitária. Arquivistas agora sabem como conceituar e desenvolver seu trabalho em um nível mais alto do que anteriormente. O maior problema, portanto, são aqueles que não recebem apoio financeiro suficiente para que desenvolvam bem o seu trabalho ou mesmo cheguem a realizá-lo. Apesar de recentes e importantes ganhos, os arquivistas ainda possuem poucos recursos, estão vulneráveis às oscilações de orçamentos e sofrem com a incompreensão pública. De fato, muitos arquivistas simplesmente não podem cumprir seus mandatos, mesmos os legais, com os recursos de que dispõem. Acima de tudo, os arquivos estão ainda numa posição social, política e legal muito frágil.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Este artigo foi apresentado pela primeira vez no XVI Congresso Brasileiro de Arquivologia, em Santos, SP, Brasil, no dia 27 de agosto de 2010. Tradução de Lucia Maria Velloso de Oliveira.

<sup>2</sup> Embora este artigo não discuta literalmente a política para arquivos, o lugar dos arquivos na sociedade depende do suporte político que eles têm. Os arquivistas começaram a discutir as pressões políticas que enfrentam. Veja Margaret Procter, Michael Cook e Caroline Williams, eds., *Political Pressure and the Archival Record* (Chicago: Society of American Archivists, 2003). Os arquivistas ainda não começaram a estudar este importante tema profundamente ou não acharam maneiras efetivas de se engajar em atividades políticas para avançar nos objetivos arquivísticos. A história da política dos arquivos pode ser útil aqui. Para conhecer dois entre os poucos exemplos desse tipo de trabalho e duas diferentes experiências em política em arquivos: Bruce W. Dearstyne, "Archival Politics in New York State, 1892-1915", *New York History* 66, n. 2 (April 1985) e Ian E. Wilson, "One of the Closest and Truest of Friends I have Ever Had: Mackenzie King, Arthur Doughty, and the Public Archives of Canada", John English, Kenneth McLaughlin e P. Whitney Lackenbauer, *Mackenzie King: Citizenship and Community: Essays Marking the 125th Anniversary of the Birth of William Lyon Mackenzie King* (Toronto: Robin Brass Studio, 2002). King foi o primeiro-ministro canadense com maior longevidade no cargo (1921-26, 1926-30, e 1935-48) e um amigo próximo do diretor do Arquivo Nacional ou Público do Canadá que mais tempo ficou no cargo, Arthur Doughty (1904-35).



**Associação dos  
Arquivistas  
Brasileiros**